

“Nada é fácil de entender”¹: reflexões acerca do ato suicida na adolescência

“Nothing is easy to understand”: reflections on the suicide act in adolescence

“Nada es fácil de comprender”: reflexiones sobre el acto suicidio en la adolescencia

Recebido: 07/07/2021 | Revisado: 19/07/2021 | Aceito: 21/07/2021 | Publicado: 28/07/2021

Francisco Jadson Franco Moreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3141-4700>

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

E-mail: jadsonfrancomoreira@gmail.com

Resumo

O suicídio é um problema de saúde pública que afeta comunidades, cidades e países, sendo a segunda maior causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos. Neste contexto, este trabalho tem por objetivo investigar as possíveis contribuições da psicanálise no contexto de atuação junto as situações de suicídio em adolescentes apontando possibilidade de interlocução e reflexões entre psicanálise e promoção da saúde a partir de uma análise de trechos da música *Pais e Filhos* – (Legião Urbana, 1989). Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória, de método qualitativo, empírico documental, com levantamento para identificar os potenciais estudos em bases de dados, com categorização dos temas, e busca pela correlação teórica psicanalítica. Os resultados e discussão apontam as possibilidades de contribuições da Psicanálise para situações de suicídio e automutilação na adolescência, interlocuções entre psicanálise e saúde coletiva e reflexões sobre acolhimento e cuidado nas práticas psicológicas. As considerações finais do estudo apresentam importância do profissional de Psicologia no campo da saúde coletiva, desvelando questões relacionadas à prática da psicanálise na temática ato suicida na adolescência.

Palavras-chave: Suicídio; Psicanálise; Adolescência; Promoção da saúde.

Abstract

Suicide is a public health problem that affects communities, cities and countries, being the second leading cause of death among young people aged 15 to 29 years. In this context, this work aims to investigate the possible contributions of psychoanalysis in the context of acting in situations of suicide in adolescents, pointing out the possibility of interlocution and reflections between psychoanalysis and health promotion based on an analysis of excerpts from the music *Pais e Filhos* - (Urban Legion, 1989). This is an exploratory type research, with qualitative method, empirical documentary, with survey to identify potential studies in databases, with categorization of themes, and search for psychoanalytic theoretical correlation. The results and discussion point to the possibilities of contributions from Psychoanalysis to situations of suicide and self-mutilation in adolescence, interlocutions between psychoanalysis and public health and reflections on welcoming and care in psychological practices. The final considerations of the study show the importance of the Psychology professional in the field of public health, unveiling issues related to the practice of psychoanalysis in the thematic suicidal act in adolescence.

Keywords: Suicide; Psychoanalysis; Adolescence; Health promotion.

Resumen

El suicidio es un problema de salud pública que afecta a comunidades, ciudades y países, y es la segunda causa de muerte entre los jóvenes de 15 a 29 años. En este contexto, este trabajo tiene como objetivo investigar los posibles aportes del psicoanálisis en el contexto de actuar junto con situaciones de suicidio en adolescentes, señalando la posibilidad de interlocución y reflexiones entre psicoanálisis y promoción de la salud a partir de un análisis de extractos de la música *Pais e Filhos* - (Legión Urbana, 1989). Se trata de una investigación exploratoria, con método cualitativo, documental empírico, con relevamiento para identificar potenciales estudios en bases de datos, con categorización de temas, y búsqueda de correlación teórica psicanalítica. Los resultados y la discusión apuntan a las posibilidades de aportes del psicoanálisis a situaciones de suicidio y automutilación en la adolescencia, interlocuciones entre psicoanálisis y salud pública y reflexiones sobre el acogimiento y cuidado en las prácticas psicológicas. Las consideraciones finales del estudio muestran la importancia del profesional de la Psicología en el campo de la salud pública, desvelando cuestiones relacionadas con la práctica del psicoanálisis en la temática del acto suicida en la adolescencia.

Palabras clave: Suicidio; Psicoanálisis; Adolescencia; Promoción de la salud.

¹ Verso da letra da música “Pais e Filhos” Legião Urbana.

1. Introdução

Estudos de (Silva, 2019) sobre subjetividades contemporâneas relatam que a transição da Idade Média para a Modernidade resultou num conjunto de experiências de ruptura que liquefizeram os sistemas de referências como as leis, os hábitos e as tradições. Socialmente, aponta o autor, esses referenciais organizavam o mundo medieval e ofereciam ao sujeito instrumentos que auxiliavam na simbolização de seus conflitos, geralmente mais coletivos do que individuais. Consequentemente, essas transformações implicaram no desenvolvimento da interioridade, a partir do acirramento dos conflitos interiores, na intensificação da reflexão do sujeito sobre si mesmo e na valorização da experiência individualizada.

Em seus estudos (Silva, 2019), entende que o processo de individualização pode ser comparado a um muro invisível que passou a separar o sujeito de tudo que estava fora dele, cindindo, desta maneira, a interioridade da exterioridade. Em termos mais subjetivos, essa primazia da individualidade em todos os espaços públicos foi o germe do enfraquecimento da alteridade e do esvaziamento das relações sociais.

Berman (2007, p. 28) destaca que:

[...] agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto expansão e auto desordem, fantasmas na rua e na alma – é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna.

O mundo e o homem se abriram a uma infinidade de novas experiências que contribuíram para o surgimento de novas formas de subjetivação. Por sua vez, (Birman, 2005, p. 23) aponta que nas “novas maneiras de construção da subjetividade, o eu se encontra situado em posição privilegiada”.

Nesse sentido, (Silva, 2019) aponta que em oposição ao afastamento da exterioridade está o homem moderno, recolhido em si, desconectado da natureza, da sociedade e das instituições que o guiavam. Essa desconexão lançou o homem numa experiência vazia de sentido, incapaz de lhe amparar e de acolher seus conflitos subjetivos sendo o auto centramento seria, portanto, um aspecto elementar nas novas formas de subjetivação.

De acordo com (Lipovetsky 2005, p. 33), o mito de Narciso representaria os tempos atuais. Isso, pois, “hoje em dia vivemos para nós mesmos, sem nos preocuparmos com as nossas tradições e com a nossa posterioridade, o sentido histórico foi abandonado, da mesma maneira que os valores e as instituições sociais”

Após a Revolução Tecnológica na segunda metade do século XX, com o aprimoramento das tecnologias de comunicação, e consequentemente no século XXI com a popularização do acesso à internet – do telefone portátil aos smartphones – os meios de comunicação e de transporte se tornaram ainda mais rápidos e acessíveis. Como desdobramento, observamos um encurtamento, não apenas nas fronteiras geográficas, mas também no tempo de transmissão de informações e de comunicação. A relação do homem com o tempo e o espaço alterada com a entrada na Modernidade, teve suas características de rapidez e flexibilidade acirradas na Hipermodernidade ou Modernidade tardia (Lipovetsky, 2005).

A facilidade de acesso e a velocidade da circulação das informações permitiram ao homem uma conexão quase imediata com tudo e todos, mesmo que virtual. Essas novas formas de conectar o homem ao mundo e ao outro são práticas que convergem numa maior exibição da dimensão subjetiva, agora dentro de um fluxo do tempo mais fluido e efêmero. Para (Birman 2003, p. 6), “o vazio da subjetividade atual é o correlato do mundo que perdeu o sentido”, onde “a subjetividade contemporânea não consegue mais transformar dor em sofrimento devido à impossibilidade de interlocução do sujeito” (Idem).

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2018), a cada ano mais de 800 mil pessoas cometem suicídio no mundo, o que corresponde a uma morte a cada quarenta segundos. Para cada suicídio existem muitas outras tentativas de suicídio que são realizadas a cada ano. O suicídio é um problema de saúde pública que afeta comunidades, cidades e países,

sendo a segunda maior causa de mortes entre jovens de 15 a 29 anos (OMS, 2018). Atualmente se reconhece a multicausalidade de fatores. Em outras palavras, é um fenômeno complexo e uma única causa ou estressor não é suficiente para explicar o comportamento suicida.

Dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade², entre o período de 2007 a 2016, mostram 106.374 óbitos por suicídio. Em 2016, a taxa chegou a 5,8 por 100 mil habitantes, com a notificação de 11.433 mortes por essa causa. Nesta atualização do panorama sobre o suicídio no país, o Ministério da Saúde aprofundou as investigações sobre as tentativas devido à intoxicação exógena. Nos últimos onze anos, dos 470.913 registros de intoxicação exógena, 46,7% (220.045) foram devido à tentativa de suicídio. Em 2017, o número registrado foi cinco vezes maior do que 2007, saiu de 7.735 para 36.279 notificações. O Sudeste concentrou quase metade (49%) das notificações seguido da região Sul, que concentra cerca de 25%. O Norte foi o que teve os menores índices, em torno de 2%.

Em relatório apresentado pelo Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social do Ministério da Saúde³ (2018), no Brasil entre todos os adolescentes e jovens, o número de suicídios é classificado como bastante elevado, de 2012 a 2016, ocorreram em média 11 mil suicídios na população geral e 3.043 suicídios entre adolescentes e jovens, colocando o suicídio como a quarta causa de morte nesses grupos etários.

Diante disto, os casos de suicídio na adolescência, cada vez mais frequentes, nos fazem pensar o enlaçamento entre o sujeito adolescente, seu corpo e a cultura contemporânea, que a partir da dificuldade de narrar sobre sua dor, busca o estancamento da angústia e a simbolização de sua dor através da automutilação, da morte. No caminho para compreender o suicídio na adolescência, faz-se necessário não apenas compreender a trajetória sociocultural do sujeito contemporâneo, com seu mal-estar, mas também compreender o sujeito adolescente.

Para (Ortega, 2008), a adolescência é um conceito do mundo moderno e demarca o período de transição da infância à fase adulta. Ao longo da história os jovens ocuparam lugares variados nas civilizações e esta posição esteve sempre correlacionada ao contexto sociocultural.

Compreender a adolescência no século XXI é emergir na geração do consumo, individualismo e mudanças aceleradas. O surgimento da adolescência na cultura ocidental é marcado pela revolução francesa, onde se inicia um limite entre as esferas públicas e privadas da vida social, cada sujeito passa então a ser responsável pelo seu próprio destino. Outro momento histórico importante para a juventude foi a partir dos anos 60 quando houve um destaque dos movimentos de contracultura, a explosão do rock, o surgimento da pílula e da calça jeans. A adolescência passou a ter um lugar especial na sociedade e as palavras de ordem se tornaram liberdade e autonomia.

No manual das Linhas de Cuidado para adolescência publicado em 2016 pelo Ministério da Saúde, a adolescência é apresentada como um estado de espera, uma moratória, no qual os adolescentes são confinados, eles já não são mais considerados como crianças, pois apresentam maturidade, mas ainda não são reconhecidos como adultos pela sociedade o que gera conflito e revolta.

A relação do que é apresentado sobre adolescência no Manual que orienta as práticas de saúde na atenção básica, acima referido, dialoga com conceitos de (Calligaris, 2009), quando explica que ao não serem mais admitidos na fase infantil e enquanto ainda a fase adulta não chega, os adolescentes buscam seus pares, seus iguais, para ter reconhecimento e aceitação. Nos grupos eles se reconhecem, partilham experiências, gostos e interesses, dispensando assim os adultos. Os adolescentes

² O Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) foi criado pelo DATASUS para a obtenção regular de dados sobre mortalidade no país. A partir da criação do SIM foi possível a captação de dados sobre mortalidade, de forma abrangente, para subsidiar as diversas esferas de gestão na saúde pública.

³ Análise do Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social (DAGEP/SGEP/MS) utilizando dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM/DATASUS/MS).

passam de uma visão egocêntrica do mundo para outra mais objetiva, impõe suas próprias tendências e buscam ser independentes da família.

A adolescência é caracterizada por mudanças no desenvolvimento físico, emocional, sexual e social do indivíduo. Na cultura contemporânea ocidental não é comum encontrar rituais que marquem a entrada e saída da adolescência, mas muitos autores fazem um recorte através de parâmetros cronológicos para demarcar esse período.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define adolescência como o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos. No Brasil o Estatuto da criança e do adolescente (ECA), lei 8.069/90, considera a adolescência a faixa etária de 12 a 18 anos de idade, e em casos excepcionais quando disposto na lei, o estatuto se aplica até os 21 anos de idade.

A clínica psicanalítica evidencia uma permanente construção da realidade pelo sujeito a partir de seu (des)encontro com o impossível do gozo. A cada momento em que ele se depara com esse obstáculo, produz uma nova forma de representação da realidade, revelando, finalmente, a impossibilidade de que sua existência seja completamente apreendida pela linguagem. Do lado do analista, há também uma constante construção de um caso e de seu tratamento. Ao tomar o inconsciente como aquilo que escapa ao saber já instituído, o analista deve estar advertido de que qualquer produção de conhecimento irá esbarrar com um ponto que permanecerá descoberto. Assim, o processo de investigação e tratamento dos sintomas implica a suspensão de certa teoria para que, a partir da experiência, possa a ela retornar, modificando-a. O avanço do conhecimento não tolera, portanto, qualquer rigidez, devendo permanecer sempre aberto e sujeito a revisões (Guerra; Cunha; Silva, 2015).

Estudos de (Pinheiro, 2014), apontam que, com efeito, o redimensionamento do campo psicopatológico, envolvendo saberes, práticas e políticas públicas em saúde mental produzem efeitos que extrapolam o perímetro de atividade clínica, transformando as relações sociais e a forma de cuidados consigo mesmo. Como exemplo, podemos citar a importância atribuída à autonomia na sociedade individualista atual, como ideal social. Também é possível levar em conta as reformas das políticas públicas de assistência ao portador de transtornos mentais, as quais implicam alterações legais, jurídicas e institucionais.

Ao contribuir para uma convivência de diferentes perspectivas em detrimento de um paradigma hegemônico, a interdisciplinaridade se constitui como estratégia fundamental na saúde coletiva. Sua efetivação, no entanto, não é simples, exigindo reflexões que podem ser fortalecidas por indicações extraídas da Psicanálise.

Neste contexto, este trabalho tem por objetivo investigar as possíveis contribuições da psicanálise no contexto de atuação junto as situações de suicídio em adolescentes apontando possibilidade de interlocução e reflexões entre psicanálise e promoção da saúde a partir de uma análise de trechos da música “*Pais e Filhos*” (Legião Urbana, 1989).

A motivação inicial, por este tema de estudo, justifica-se pela busca de aprofundar o conhecimento nesta temática que poderá ser de grande valia para atuação profissional no atual campo de atuação, saúde coletiva, ressignificando práticas na realização do acolhimento e encaminhamentos nas ações de promoção da saúde.

2. Metodologia

A pesquisa qualitativa é a atividade investigativa que posiciona o observador no mundo, ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Neste contexto, a pesquisa qualitativa envolve um caráter interpretativo e de abordagem naturalística diante do mundo, ou seja, os pesquisadores estudam as coisas em seus contextos naturais, procurando compreender e/ou interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhe atribuem (Flick, 2009).

Trata-se de um estudo do tipo documental. A modalidade mais comum de documento é a constituída por um texto escrito em papel, mas estão se tornando cada vez mais frequentes os documentos eletrônicos, disponíveis sob os mais diversos

formatos. O conceito de documento, por sua vez, é bastante amplo, já que pode ser constituído por qualquer objeto capaz de comprovar algum fato ou acontecimento (Gil, 2010). Os documentos institucionais, mantidos em arquivos de empresas, órgãos públicos e outras organizações estão entre os mais utilizados na pesquisa.

Conforme (Gil, 2010, p. 65), a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa, além de serem fontes ricas e estável de dados. Segundo (Lopes e Galvão, 2001, p. 79) “[...] o que determina o que são as fontes é exatamente o (...) problema problematizado”. As perguntas que o pesquisador formula ao documento são tão importantes quanto o próprio documento. São as perguntas que o pesquisador faz ao documento que lhe conferem o sentido.

Nesta perspectiva foram formuladas questões que refletissem sobre psicanálise, saúde coletiva e suicídio na adolescência.

Segundo (Flick (2015, p. 157) enfatiza que a pesquisa é justificada se produzir ideias e avançar o que é conhecido ou contribuir para resolver um problema por meio de novo conhecimento ou de sugestões concretas para implicações práticas e, dentre as características gerais da pesquisa ele destaca: uma pergunta de pesquisa relevante; a pergunta deve ser feita de tal maneira que se possa acreditar nos resultados; que os resultados sejam confiáveis para que as intervenções buscadas neles sejam justificadas; planejamento claro que possibilite que essa pergunta seja respondida.

Para (Gil, 2010, p. 66) reconhece que a pesquisa documental geralmente é descritiva ou explicativa, requerendo, portanto, um problema mais claro, preciso e específico. Torna-se necessário um plano que geralmente é provisório, pois é previsível que passe por modificações até o fim da etapa de coleta de dados.

A análise e interpretação dos dados na pesquisa documental, de acordo com (Gil, 2010, p. 67) tende a variar conforme a natureza dos documentos. Os procedimentos analíticos variam conforme o tipo de delineamento. Qualquer que seja, no entanto, o delineamento, podem-se identificar passos no processo de análise e interpretação dos resultados:

- Definição dos objetivos ou hipóteses: os objetivos ou hipóteses decorrem do problema de pesquisa. Mas geralmente tendem a se tornar mais específicos e delimitados mediante leitura flutuante dos textos;
- Seleção dos documentos a serem analisados;
- Construção de um sistema de categorias e de indicadores. Esse sistema pode ser previamente estabelecido ou definido a partir da própria leitura do material selecionado. As categorias são compostas por um termo chave que indica a significação central do conceito e por indicadores que expressam as variações do conceito;
- Definição de unidade de análise: essas unidades podem ser palavras ou frases, temas, personagens, acontecimentos, música etc.;
- Tratamento dos dados: consiste na verificação da frequência com que as palavras ocorreram no texto. Nas pesquisas em que os dados são de natureza qualitativa, o relatório pode ser estruturado de diferentes maneiras, como ocorrem com os estudos de caso (Gil, 2010).

A capacidade de identificar e localizar documentos sobre um tópico de pesquisa é uma habilidade importante para o desenvolvimento de um estudo de análise documental. Desse modo, a sistematização dos passos para a realização do estudo é fundamental para o desenvolvimento de um trabalho de boa qualidade.

Esta busca de atender a qualidade da produção iniciou-se com a elaboração da questão norteadora, sendo: Qual a contribuição da produção do conhecimento psicanalítico sobre Automutilação e suicídio em Adolescentes na Contemporaneidade para as práticas de promoção da saúde?

Em seguida estabeleceu-se o levantamento para identificar os potenciais estudos nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* – SciELO e Periódico Eletrônico de Psicologia – PePSIC e Biblioteca Virtual em Saúde – BVS Psi – Brasil. A busca ocorreu entre os meses de novembro de 2019 a janeiro de 2020, considerando as publicações dos

anos de 2017 a 2019.

Após categorização dos estudos, mediante a definição das informações extraídas dos estudos selecionados, buscou-se a correlação teórica psicanalítica entre os achados na pesquisa com trechos da música: “*Pais e Filhos*” (Legião Urbana, 1989), possibilitando avaliar a literatura disponível sobre o tema investigado, bem como a identificação de lacunas de conhecimento para a construção de futuras pesquisas.

Quanto aos aspectos éticos, por se tratar de uma análise de documento público, não houve a necessidade de avaliação por Comitê de Ética em Pesquisa, pois o material avaliado é de livre acesso na Internet.

3. Resultados e Discussão

Refletir possibilidades de contribuições da Psicanálise para situações, de suicídio e automutilação na adolescência, vivenciadas no campo de prática da saúde coletiva é repensar cuidado, acolhimento e desconstrução do paradigma biomédico, possibilitando uma abordagem mais complexa do processo saúde-doença. Apresenta-se a seguir resultados desse estudo que dialoga, de forma reflexiva, conceitos psicanalíticos e de saúde coletiva com a letra de música que refere a temática suicídio. Propõe-se, assim, um alargamento da compreensão dos fenômenos, a identificação de novas dinâmicas e racionalidades, assim como a construção de novas formas de intervenção.

Estátuas e cofres e paredes pintadas: A adolescência e a passagem ao ato

A psicanálise pensa a adolescência como um processo de transição, marcado, principalmente, por mudanças no plano da subjetividade.

A mudança significativa das sociedades contemporâneas ocidentais e individualistas para as mais tradicionais demarcam uma diferença contextual conforme nos apresentam estudos de (Le Breton, 2011) onde afirma que em sociedades nomeadas como tradicionais, os ritos de passagem envolviam atos que, ora marcavam o corpo, ora extraíam algo desse corpo, por exemplo, a incisão ou extração de dentes, o que se modifica nas sociedades tradicionais, sendo esses ritos com o corpo passam a ser a partir de cirurgia do sentido que o sujeito sai da infância e entra na vida adulta. Nas sociedades individualistas, os ritos coletivos que demarcavam a passagem para a vida adulta se perderam, e não sendo mais ritualizado, acaba se efetuando por um caminho pessoal.

Em uma perspectiva psicanalítica, (Lesourd, 2004) apresenta a adolescência com o seu tempo de permanência ampliado, marcada por acontecimentos importantes, onde, as fronteiras do eu se fragilizam, o Édipo é revivido e o funcionamento psíquico juntamente com o laço com o outro são definidos, tornando-se um tempo de intenso trabalho psíquico. Nesta compreensão, A passagem entre o discurso infantil direcionado ao Pai é transferida para os discursos sociais direcionado ao Outro social. Este remanejamento implica em outro remanejamento da organização psíquica e da relação do sujeito com o mundo.

Segundo (Freud, 2006, p. 127), no seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, aponta que a puberdade é marcada por mudanças que levarão a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente autoerótica; agora, encontra o objeto sexual.

Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independente umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital.

Nesse sentido, é importante distinguir a puberdade da adolescência. Enquanto a puberdade é marcada por transformações físicas nos órgãos sexuais, que ocorrerá em todos os sujeitos, de modo programado, a adolescência provém dos efeitos decorrentes da puberdade e provocará uma mudança no plano da subjetividade. Cada jovem atravessa esse momento de modo singular, e terá que encontrar uma maneira de lidar com estas transformações, construindo uma nova resposta diante do furo que surge no real (Santiago, 2020).

De acordo com (Miller, 2015) há uma tendência nesta época de se isolar os adolescentes, os distanciando dos adultos numa cultura própria a eles, suscetíveis à moda, ao entusiasmo, às tendências.

Estudos de (Lopes e Teixeira, 2019) apontam que o processo de subjetivação do adolescente, ao realizar esse desprendimento dos pais, concretiza-se como uma forma de colocar -se como sujeito singular, capaz de viver ao seu modo, utilizando recursos que lhes são satisfatórios, para então conquistar a sua maneira de atuar no mundo atravessado por condutas e valores que lhe condiz.

Corroborando com esta percepção teórica, Amaral (2007): O adolescente busca, então, a sua identidade, a fim de sair do desamparo, da solidão, e evitar a exclusão na tentativa de se sentir pertencente a algum grupo.

Em conformidade com este pensamento sobre percepções e conceitos (Alberti, 2009, p. 26), afirma que:

Na adolescência há uma tendência maior do agir do que a utilização de outros recursos como a palavra, ou seja, no lugar de colocar em palavras aquilo que o angustia, o adolescente transfere para o corpo, que é a forma de percebê-lo como sendo seu. Essa tendência “é muitas vezes compreendida como um fenômeno que vem em resposta à descoberta das percepções corporais no adolescente, segundo às quais seu corpo se torna um estranho.

Para (Freud, 1926; 1976), ao falar da experiência corporal nos sujeitos, entende que esse fato pode envolver processos complexos de investimentos, desinvestimentos e reinvestimentos narcísicos, movimentos pulsionais eróticos e tanáticos que reinscrevem o sujeito nos momentos lógicos do autoerotismo e do narcisismo.

Na relação do adolescente posicionado como objeto, ele se manifesta em resposta a uma angústia destruidora através da agressividade dirigida a si mesmo ou a outro. Relações marcadas por um embaraço diante de duas questões: “o que sou para o Outro?” e “o que o Outro quer de mim?”. Uma hipótese é que, diante desse embaraço, o adolescente responda com atos que (1) provocam a extração de um objeto de seu próprio corpo (sangue e/ou um pedaço da própria carne, ofertando esse sacrifício ao olhar do outro); (2) configuram-se como fugas que se apresentam como tendência a agir; (3) afrontam a lei (furtos e assaltos) e (4) agredam a si mesmos (escarificações, mordidas, batem a cabeça) (Alberti, 2009).

Para (Gaspar; Lorenzutti e Cardoso, 2011), a passagem ao ato é, portanto, uma resposta rudimentar, que nos remete ao traumático, àquilo que é irrepresentável. Como vimos, a adolescência por si só pressupõe vivências traumáticas e violentas a partir do excesso pulsional, da fragilidade narcísica e egóica. Lacan (1963), afirma que o que está em jogo no suicídio é a passagem ao ato. A passagem ao ato como uma defesa, portanto, diz respeito a uma tentativa do sujeito de passar de uma posição passiva, do ponto de vista psíquico, onde o ego não consegue ligar a energia pulsional que irrompe no psiquismo, para uma posição ativa, onde há uma exteriorização de algo que é interno.

A partir da psicanálise, o ato suicida é visto em parte, como um evento onde a pulsão de morte prevalece em relação à pulsão de vida, existindo uma luta constante entre a vida e a morte, onde a última acaba prevalecendo. Para (Freud, 1920), é necessário que exista um equilíbrio entre as duas pulsões, onde a pulsão de morte permaneceria atrelada a serviço da vida, atuando em um movimento paralelo.

Estou com medo, tive pesadelo. Posso dormir aqui com você? - interlocuções entre psicanálise e saúde coletiva

O trabalho com campos disciplinares diversos nos remete à ideia de paradigma científico, que, conforme (Kuhn, 1997), a produção do conhecimento é marcada pela concorrência entre modelos explicativos, sendo que a adesão a um deles determina uma rede de compromissos, sedimentando construções conceituais, teóricas, metodológicas e instrumentais compartilhadas e valorizadas por certo grupo em um momento histórico específico. A atividade científica, no entanto, sempre se depara com novas perguntas e desafios, promovendo, de tempos em tempos, a emergência de novos paradigmas.

No campo da saúde, o paradigma científico positivista prevalece há séculos. Ele pressupõe que existe um mundo objetivo e externo ao pesquisador e, por isso, apenas os fenômenos observáveis e mensuráveis sustentam conhecimentos válidos, passíveis de relações de causalidade e generalizações. Essa perspectiva influenciou de forma decisiva a história da Medicina (Capra, 1987).

Em oposição a esse paradigma, estudos apontam uma maior aproximação das Ciências Humanas e Sociais ao cenário da ciência tradicional. A aproximação da Filosofia, das Ciências Sociais, da Psicologia, da Antropologia e da Psicanálise com a saúde tem provocado tensionamentos e questionamentos que indicam novas possibilidades de olhar, compreender, pensar e atuar (Paim; Almeida Filho, 1998; Leal; Camargo Jr., 2012).

Os autores apontam ainda que, atualmente a saúde coletiva apresenta-se como um grande campo para onde convergem diversas disciplinas que comungam com novos pressupostos epistemológicos.

Neste percurso, a ideia de complexidade norteou o fundamento de um eixo principal que unificou, ainda que parcialmente, contribuições das Ciências Humanas e Sociais em um paradigma alternativo (Vasconcelos, 2002; Morin, 2015).

Podemos inferir então, que os olhares e as produções científicas apresentam diálogos com a coletividade onde questões relativas ao sujeito e o olhar para a subjetividade ganham espaços nos mais diversos estudos como interpretativos, etnográficos e ou de representações.

Em (Grassi, 2013), Juan David Nasio comenta que o adolescente tem dificuldade em identificar, nomear e declarar o que sente, e por isso o psicanalista deve agir como um parceiro de palavras, escutando, acompanhando e favorecendo a introspecção do sujeito.

A psicanálise propõe um olhar livre de preconceitos em relação à alma e suas dores, e se diferencia de outros tratamentos, pois ela responsabiliza o sujeito de se guiar a vida através do que ele sente em seu corpo e pensamento.

As contribuições da psicanálise no contexto de atuação junto as situações de suicídio em adolescentes podem ser iniciadas na perspectiva de atenção integral à saúde começando pela reorganização dos processos de trabalho na rede básica e somando-se a outras ações assistenciais, seguindo uma complexa trama de atos, procedimentos, fluxos, rotinas, saberes, num processo dialético de complementação, compondo o que se entende por cuidado em saúde (Cecilio, 2011).

O acesso aos serviços de saúde, a programas e projetos de atendimento à adolescentes, é um importante indicador para definir o grau de facilidade ou dificuldade com que as pessoas obtêm serviços de promoção de saúde mental. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a saúde deve ser entendida como o completo bem-estar físico, mental e social. Mas seria possível alcançar esse ideal em uma perspectiva da Psicanálise?

Aprendemos que quanto mais se renuncia à satisfação pulsional, mais se é levado a renunciar (Freud, 1996) e neste sentido é fundamental repensar conceitos de cura, diagnósticos, prescrições e modelos biomédicos tão disseminados no campo da saúde. Sendo assim, é fundamental a definição da estrutura particular de funcionamento subjetivo para, em seguida, localizar a função do sintoma no caso a caso. Ou seja, inicialmente, o diagnóstico não é do sintoma em si, mas do sujeito (Figueiredo, 2004).

Essas iniciativas podem ser viabilizadas pelo fortalecimento da Atenção Básica o que reflete as características do sistema de saúde e é influenciado por fatores individuais, pelo perfil de necessidades em saúde e pelos valores e preferências das pessoas.

De acordo com (Franco, Silva, Reis e Reckziegel, 2019) afirmam que o suicídio se enquadra dentro de um contexto atual de sociedade que vivemos a globalização, que fornece acessos e informações, fazendo com que se torne imediata às necessidades do sujeito, e quando esse sujeito passa a ter contato ativo nessa sociedade, que vai impor direito e deveres, vai causar marcas psíquicas e externas.

O sujeito, neste caso, ao direcionar uma demanda ao profissional, abre a possibilidade de reconstrução de seu laço com a alteridade e de se reposicionar no mundo através de soluções menos devastadoras para bordejar o impossível de seu sintoma. Para que isso aconteça, no entanto, é importante que o profissional sustente uma nova modalidade de relação que permita localizar o “saber” ao lado do sujeito (Eidelberg *Et Al.*, 2009).

De acordo com (Moreira, 2019) se soma as possibilidades de assegurar mudanças de práticas de cuidado e de intervenções a Formação em Serviço sendo a educação permanente uma das ferramentas de gestão e acompanhamento do processo de trabalho, pensada como um processo educativo que coloca o trabalho em saúde em análise e possibilita construir espaços coletivos para a reflexão e a avaliação de sentido dos atos produzidos no cotidiano. Não se trata de uma simples relação de prestação de serviço, mas de um contato humanizado, sustentado por uma escuta qualificada capaz de facilitar um vínculo (Mitre; Andrade; Cotta, 2012).

Ao contribuir para uma convivência de diferentes perspectivas de atendimento ao sujeito adolescente, com reflexões que podem ser fortalecidas por indicações extraídas da Psicanálise, a interdisciplinaridade se constitui como estratégia fundamental na saúde coletiva.

Como se não houvesse amanhã: acolhimento e cuidado

A Música “*Pais e Filhos*”, escolhida para a relação teórica neste trabalho compõe o álbum “As Quatro Estações”, e foi apresentada pela primeira vez em 1989, pela banda Legião Urbana. Com o sucesso e aceitação da música ela foi reapresentada muitas outras vezes em outros álbuns, a saber: “Acustico MTV” (faixa 04), no “Como É Que Se Diz Eu Te Amo” (faixa 02), no “As Quatro Estações - ao vivo” (faixa 06), no famoso “Mais do Mesmo” (faixa 10) e no Perfil, lançado em 2011 sendo a faixa de número oito, o que confirma estar entre os clássicos musicais no Brasil.

Segundo dados abertos, na internet, no ano de 1994 em um canal de Tv, a banda Legião Urbana participava do programa e a plateia solicitava músicas, quando os fãs gritaram “*Pais e Filhos*”. Na ocasião Renato Russo, vocalista da banda, falou o significado da letra:

*“Escuta, vocês sabem que essa música é sobre suicídio, né? Porque todo mundo pede música do Legião e fica um 'auê' [sic]. Essa música é muito, muito séria, tipo, me desgasta (...)”*⁴

A partir deste momento público, a música passa a ser associada a esta temática e nesse sentido, sendo este trabalho um estudo das possibilidades de interlocuções entre psicanálise e saúde coletiva para suicídio e automutilação na adolescência, busca-se nesta reflexão a relação entre alguns trechos da música e conceitos.

Estátuas e cofres e paredes pintadas/ Ninguém sabe o que aconteceu. / Ela se jogou da janela do quinto andar/ Nada é fácil de entender (Legião Urbana, 1989).

⁴ Russo, R. Legião Urbana - Programa Livre. Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-z5ZPGjyHpk> >. Acesso em: 11 jun 2020. 50:57.

Nesse trecho inicial da música percebemos, de forma detalhada, a descrição de um cenário que nos remete a um cemitério não apenas pela forma como o autor descreve as paredes, estátuas, mas pelo fato da afirmativa de que alguém se jogou da janela.

Uma das primeiras referências freudianas ao suicídio encontra-se na obra “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”, de 1901 (Brunhari; Darriba, 2014). O psicanalista dedica um capítulo aos “equivocos de ação” no qual discorre a respeito da possibilidade de uma motivação inconsciente, disfarçada de erro ou equívoco, por trás dos desvios ocorridos em atos aparentemente casuais. Freud (1996a) estende sua indagação a ferimentos auto infligidos que estariam escamoteando uma tendência suicida, já que, conforme o autor, “nunca se pode excluir o suicídio como um possível desfecho do conflito psíquico” (Freud, 1996^a).

Desta forma, existiria uma tendência à autodestruição, com intenção inconsciente, escondida atrás dos ferimentos auto infligidos que ameaçam a vida, os quais representam “um compromisso entre essa pulsão e as forças que ainda se opõem a ela” (Freud, 1996a, p. 183). Neste trecho encontra-se a semente daquilo que posteriormente virá a ser nomeado de pulsão de morte (Brunhari; Darriba, 2014). Freud (1996a, p. 213) relaciona morte à pulsão, pulsão de morte. “O sujeito que não tem mais tempo para viver escolhe a morte, não porque a deseje, visto que o inconsciente não a reconhece, mas porque dela pretende tirar alguma satisfação”.

Estudos sobre suicídio realizados por (Carvalho, 2014), apontam o abandono do Outro ou a série de encontros faltosos com o real, como causas para nos depararmos com sujeitos empobrecidos e aniquilados, que assim escolhem morrer, fazendo do suicídio algo que dê significado a uma vida sem sentido, marcada pela impossibilidade.

Para a autora, o sujeito que escolhe morrer, está submerso em uma angústia avassaladora, atravessado pela irrupção do real no corpo. A angústia é sempre angústia de castração, portanto angústia de quem está vivo, angústia do homem, no corpo, na vida. A morte não é a causa da angústia, mas uma forma de exterminá-la.

De acordo com (Solomon, 2002) *apud* (Kovacs, 2013, p. 72), se refere a quatro meios que justificam o suicídio, sendo o primeiro a impulsividade, que age como forma de expulsar a dor; o segundo, a busca de um alívio e consolo de seu sofrimento através da morte; o terceiro que considera a morte como a única saída para aliviar o fardo de pessoas próximas; e o quarto sendo, o planejamento racional do suicídio.

Um outro trecho da música que nos leva a reflexão sobre conceitos em Psicanálise, está na relação da construção desse adolescente com o outro.

Dorme agora:/ É só o vento lá fora. / Quero colo/ Vou fugir de casa/ Posso dormir aqui com vocês?/ Estou com medo/ Tive um pesadelo/ Só vou voltar depois das três. (Legião Urbana, 1989).

Nesse contexto, (Freud, 2006) afirma que na puberdade, uma operação dolorosa, mas necessária, se efetua, isto é, o desligamento da autoridade dos pais. Já para (Alberti, 2009; 2010) ressalta a delicadeza deste momento, pois há um processo de separação no qual os pais são alvo de críticas e tentativas de enfraquecimento por parte do adolescente. Este vai se deparando com as falhas de pais que, até então, eram idealizados, defrontando-se com a falta no Outro. Quando os pais se separam dos filhos por entenderem que não tem mais importância na vida destes e desistem, esta inversão de papéis provoca o sentimento de abandono do adolescente que luta desesperadamente para ter a atenção. A referência primária e a presença dos pais são fundamentais para a elaboração de escolhas e a elaboração da falta no Outro.

Lacan apresenta a separação e a alienação como operações distintas e simultâneas indispensáveis para a constituição do sujeito. É necessário o assujeitamento ao campo do Outro para que o sujeito exista (2008). Conforme (Lacan, 2008, p. 200) “o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o

campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer”. A alienação consistiria em uma escolha forçada do sujeito para que consiga se constituir enquanto tal.

Considerando os pressupostos que aqui foram apresentados sobre suicídio, automutilação e adolescência podemos pensar o papel do profissional de psicologia no promover saúde. Os autores aqui referenciados para a temática em estudo, apresentam em seus estudos a importância da análise. Ela “só pode ser ouvida, se deixamos a cada um a escolha de dizer com suas palavras o que está acontecendo em sua vida” (Lacadée, 2011).

“É preciso amar as pessoas/ Como se não houvesse amanhã/ Porque se você parar pra pensar/Na verdade, não há./ Sou uma gota d'água/ Sou um grão de areia” (Legião Urbana, 1989).

O psicólogo seria então o profissional que oferece essa escuta possibilitando construções simbólicas ao falar de suas angústias. Para (Lacadée, 2011) a análise proporciona o surgimento de um novo dizer, de uma fala inédita, além de permitir dizer algo sobre o impossível de dizer, isto é, o real.

4. Considerações Finais

A leitura e as correlações feitas entre os trechos da música e a teoria com todos os seus sentidos, obtidos nesta pesquisa, nos faz refletir a importância do profissional de Psicologia, desvelando questões relacionadas à prática da psicanálise na temática ato suicida na adolescência nas práxis de saúde coletiva.

Para que se pratique o “*dorme agora, é só um vento lá fora*”, é necessário desenvolver práticas de compreensão do sujeito em sofrimento, sua história de vida, vivências, vínculos, desejos, frustrações oportunidades ou ausência delas, contexto social sempre com a perspectiva de um olhar sem julgamentos, sem rótulos, mas como possibilidades de colaborar no auto conhecimento desse sujeito e diminuir o sofrimento, levando a uma tomada de decisão, *como se não houvesse amanhã*.

Sabemos que as questões que nos motivaram à realização deste estudo são complexas e não temos a pretensão de esgotá-las: a reflexão sobre o tema ato suicida na adolescência, as interlocuções possíveis entre saúde coletiva e psicanálise com possibilidades de intervenção nas práticas, desafios!

Esses elementos em sinergia erigem um conjunto de questionamentos relacionados aos saberes e práticas no lócus de atuação do Psicólogo e nesse sentido, podemos inferir que esta pesquisa contribui em seus achados para o aprimoramento das práticas de cuidado e de promoção em saúde.

Referências

- Alberti, S. (2009). *Esse sujeito adolescente*. Rios Ambiciosos
- Amaral, V. L. A (2020) psicologia da adolescência. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2007. http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PARR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Psicologia_Educacao/Psi_Ed_A05_J_GR_20112007.pdf
- Berman, Antoine. (2007) *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET,
- Birman, J. (2005) *A Physis da saúde coletiva Physis: Rev. saúde coletiva*, 15 (supl.), 1116.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2018) *Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016 / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília: Ministério da Saúde.*
- Brunhari, M. V.. & Darriba, V. A. (2014) *O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato*. Psicologia clinica. 26, 197- 213. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000100013&lng=pt&nrm=iso> .
- Calligaris C. (2009) *A adolescência*. (2a ed.), Publifolha.

- Capra, F. (1987) *O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. Cultrix.
- Carvalho, S. (2014) *A morte pode esperar? Clínica psicanalítica do suicídio*. Associação Campo Psicanalítico.
- Cecilio, L. C. O., & Mehry, E. E. (2020) *A integralidade do cuidado como eixo da gestão hospitalar*.
- Eidelberg, A., et al. (2009) *Porciones de nada*. La anorexia y la época. Del Bucle.
- Flick, U. (2009) *Métodos de Pesquisa: introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed.
- Flick, U. (org.). (2015) *Qualidade na Pesquisa Qualitativa*. Coleção Pesquisa Qualitativa. ARTMED, Coleção Pesquisa Qualitativa. 195 p.
- &
Franco, C., Silva, D. da. Reis, O. P. dos. Reckziegel, T. (2020) *O Suicídio na Adolescência: um Olhar Psicanalítico na Contemporaneidade*. Psicólogo, [S.l.].
- Freud, S. (1901) *Psicopatologia da vida cotidiana*. Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira).
- Lacan, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar, 2008.
- Freud, S. (1996 a) *Além do princípio de prazer*. In: Freud, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. VII.
- Freud, S. (1996) *A dissolução do complexo de Édipo*. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XIX, p. 191-199.
- Gaspar, F., Lorenzutti, P. & Cardoso, M. (2011) *Trauma e representação: estudo de um caso clínico*. Em: Adolescentes. Editora Escuta, p. 147-156
- Gil, Antonio Carlos. (2010) *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas, 184p.
- Grassi, A. (2013) *Entrevista com Juan David Nasio*. Em: *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ*, 29, 135-153.
- Guerra, A. M. Cet al. (2015) *A assistência social pública na interface entre subjetividade e política*. Scriptum.
- Kuhn, T. S. (1997) *A estrutura das revoluções científicas*. Perspectiva.
- Lacadeé, P. (2011) *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria.
- Lacan, J. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar.
- Le Breton, D. (2011) *Antropologia do corpo e modernidade*. Vozes.
- Leal, M. B., & Camargo JR., K. R. (2012) *Saúde coletiva em debate: reflexões acerca de um campo em construção*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., Botucatu, 16, 53-65.
- Lesourd, S. (2004). *A construção adolescente no laço social*. Vozes.
- Lipovetsky, G. (2005) *A Era do Vazio*. Manole.
- Lopes, L., & Teixeira, L. (2019) Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. *Estilos da Clínica*, 24, 291-303.
- Miller, J.A. (2020) *Em direção à adolescência*. Minas com Lacan, Belo Horizonte, jun. 2015 Disponível em: < <http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>>.
- Mitre, S. M. et al, R. M. M. (2012) *Avanços e desafios do acolhimento na operacionalização e qualificação do Sistema Único de Saúde na Atenção Primária: um resgate da produção bibliográfica do Brasil*. Ciênc. saúde coletiva, 17, 2071-2085.
- Moreira, F. J. F., Sampaio, J. V. S., Abreu, L. D. P., & Santos, M. L. (2018) *Caminho trilhado na construção do plano estadual de educação permanente: percursos e discursos*. / Escola de Saúde Pública do Ceará. 139 p.
- Morin, E. (2015) *Introdução ao pensamento complexo*. Sulina.
- Ortega, F. (2088) *Modificações corporais na cultura contemporânea*. In Ortega F. O corpo incerto: corporiedade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Garamond.
- Paim, J. S., & Almeida-Filho, N. (1998) *saúde coletiva: uma "nova saúde pública" ou campo aberto a novos paradigmas?* Revista de Saúde Pública, São Paulo, 32, 299-316.
- Pinheiro, C. V. de Q., & Albuquerque, K. M. de. (2014) *Psicopatologia e saúde mental: questões sobre os critérios que orientam a percepção clínica*. Rev. Subj. 14.
- Santiago, A. L. (2016) *Procrastinação, autoerótica e depreciação: sintomas dos jovens com relação ao saber*. <http://www.encontrobrasileiro2016.org/sinto-mas-de-jovens>
- Vasconcelos, M. J. E. (2002) *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Papirus.